

# PROCESSOS DE ESCOLHA DE TEORIAS E FORMAÇÃO DE UM CÂNON NA CIÊNCIA ECONÔMICA

Processes of theory choice and the formation of a canon in economics

Rafael Galvão de ALMEIDA  
Universidade Federal de Minas Gerais  
rga1605@gmail.com

## RESUMO

**Objetivo:** Este artigo analisará os processos de escolhas de teorias, isto é, o que faz com que uma teoria seja incorporada ao *mainstream*, ao cânon, da disciplina. Tal processo é importante, porque sinaliza a direção dos recursos utilizados em pesquisa. A visão tradicional pressupõe um processo semelhante ao de mercado, em que as teorias mais competentes são “escolhidas” pela comunidade científica, a República da Ciência, para se tornarem o *mainstream*. **Método:** Este artigo utiliza os métodos de análise bibliográfica dos principais artigos e livros relacionados ao assunto. **Resultado:** A maioria da literatura concorda que existem inúmeras falhas de mercado no processo de escolhas de teoria e que a formação de um *mainstream* é um processo que pode levar ao enrijecimento da estrutura de produção científica. Outros fatores, como disputas políticas dentro da academia, podem ser considerados. **Conclusões:** Evitar o enrijecimento da estrutura ao mesmo tempo que se promove um cânon estável é um processo difícil e exige equilíbrio, mesmo que a ciência progrida independente desses fatores. A ideia de pluralismo interessado pode ser uma forma de contornar esse problema.

**PALAVRAS-CHAVE:** metodologia; escolha de teorias; economia *mainstream*; economia ortodoxa; economia heterodoxa.

## ABSTRACT

**Objective:** This article shall analyze the processes of theory choice, i.e., what causes a theory to be incorporated into the mainstream, or ‘canon, of its discipline’. Such a process is important, as it signals the direction that resources for research should take. The traditional view presupposes a process akin to the market, in which the most competent theories are “chosen” by the scientific community, the Republic of Science, to become part of the mainstream in the discipline. **Method:** This article uses the methods of bibliographical analysis of the main articles and books on the subject. **Result:** A majority of the theory choice literature agrees that there are innumerable market failures in the process of theory choice, and that the formation of a canon is a process that can lead to the hardening of the structure of scientific production. Other factors, such as academic insider politics, may also be considered. **Conclusions:** Avoiding this hardening of structure while promoting an established canon is a difficult process and demands balance, even if even if scientific progress happens independent of these factors. The idea of interested pluralism can be a way to avoid this problem.

**KEYWORDS:** methodology; theory choice; mainstream economics; orthodox economics; heterodox economics.

**Classificação JEL:** B41

Recebido em: 12-08-2019. Aceito em: 20-06-2020.

# 1 INTRODUÇÃO

Durante quatro ou cinco anos de suas vidas, estudantes de economia são expostos a um conjunto de teorias, abordagens e técnicas relativas à ciência econômica a fim de que eles ganhem habilidades úteis para o mercado de trabalho. Esse tempo aumenta quando o estudante segue seus estudos na pós-graduação, em que o contato com todo o arcabouço da faculdade se aprofunda, à medida que ele aprende sobre os conceitos por trás dos modelos e técnicas que ele teve contato na graduação. Devido a uma série de fatores, incluindo restrição de tempo, apenas os modelos e técnicas mais importantes são ensinados.

Porém, como observou Christopher Mackie, pouco esforço é direcionado a perguntas do tipo “por que a teoria econômica existe na sua forma atual?” (MACKIE, 1998, p. 3). Essa discussão se torna uma variante do problema de demarcação, introduzido por Karl Popper (MENEZES, 2018): porque deve uma série de abordagens, técnicas e métodos específicos devem ter preferência em relação a outras? O que determina essas escolhas de teorias e abordagens?

Mackie deu o nome ao livro resultado de sua pesquisa de *Canonizing economic theory*. O processo de formação de um cânon vem da teologia, em que os teólogos conhecidos como os Pais da Igreja (ativos durante os primeiros 500 anos do cristianismo) discutiam quais livros deveriam ser incluídos na Bíblia. A palavra “cânon” vem do grego *kanôn*, que significa “vara”, e adquiriu o sentido de “regra”, “padrão” ou “norma”, e o processo de formação do cânon foi extenso e variava para diferentes comunidades (CRUZ BRANDÃO, 2008, p. 124-126).

Existe um cânon em economia? Tarascio e Caldwell (1984, p. 983) respondem que sim, há *cânones* e estes reúnem “procedimentos bem conhecidos para comparar qualidades e fraquezas das teorias que competem entre si”. Embora não é o objetivo da economia debater se seus textos são divinamente inspirados (apesar do que alguns membros mais exaltados de certas escolas possam implicar), o que mais se aproxima de um conceito de cânon, e justifica a metáfora de Mackie, é a existência de um *mainstream* na economia.

O *mainstream* se caracteriza pelo conjunto de ideias e teorias que desfruta do *status* de “elite do pensamento”, isto é, o conjunto de ideias as quais são mais prestigiadas e são o destino da maioria dos recursos de pesquisa (DEQUECH, 2007). Dado que existe um

*mainstream* nas ciências econômicas, o conjunto de ideias, teorias e abordagens que não se encaixam no *mainstream* são agrupados sobre o rótulo de “heterodoxia”.

Assim, a literatura em seleção de teorias (*theory choice*) em economia se dedica a questionar o processo que determina a escolha de teorias, de sua forma pré-publicação até sua forma estabelecida, “canonizada”. Pois, quando uma teoria é escolhida, isso significa que um conjunto de ferramentas e problemas a resolver é escolhido em detrimento de outros:

A significância de entender como um corpo de literatura evolui para representar a base teórica de uma disciplina se estende além da mera curiosidade intelectual. A maneira pela qual os cientistas, tanto sociais quanto outros, avaliam o trabalho nos seus campos contribuem para definir como eles vão definir problemas relevantes e desenvolver métodos de resolver esses problemas (MACKIE, 1998, p. 4).

Para contribuir para o entendimento deste problema, esse artigo tem cinco seções. A seção 2 define as diferenças entre termos *mainstream*, ortodoxia, heterodoxia e neoclassicismo. A seção 3 discute como a mudança de teorias ocorre, com foco no paradoxo de Planck, na economia da ciência e nas instituições que os cientistas construíram para facilitar o progresso científico, como num mercado de ideias, com a metáfora da República da Ciência. A seção 4 discute as imperfeições do mercado de ideias e como vários dos seus problemas podem ser atribuídos a problemas de falhas de racionalidade, conflitos de interesse e estruturas de apoio científico imperfeitas. Finalmente, a seção 5 conclui reconhecendo esses problemas: se existe um cânon, aqueles que estão fora são “hereges” ou “heterodoxos”? Sugere-se que o pluralismo interessado, no qual cientistas estão realmente interessados em abordagens contrárias às suas ideias, pode ser útil para ajudar eles a selecionarem teorias e ideias que aumentem o ritmo da descoberta científica.

## 2 DEFINIÇÕES PRELIMINARES

Devido à natureza intercambiável entre os termos ‘*mainstream*’, ‘ortodoxia’ e ‘economia neoclássica’, é necessário fazer definições básicas. Dequech (2007) propõe as seguintes definições entre neoclassicismo, ortodoxia, *mainstream* e heterodoxia:

- Neoclassicismo: Dequech afirma que a escola neoclássica depende de três fatores: 1) ênfase na racionalidade e na maximização da utilidade, o *homo economicus*, 2) ênfase na ideia de que o estado de equilíbrio na economia existe e deve orientar a

pesquisa econômica, 3) negligência quanto a tipos de incerteza que podem colocar em xeque os dois primeiros postulados<sup>1</sup>.

- *Mainstream*: novamente, é o conjunto de ideias mais prestigiadas e que determinam o destino da maioria dos recursos de pesquisa. Colander, Holt e Rosser Jr. (2004, p. 490) argumentam que é um termo fácil de definir, porém difícil de identificar na prática, por estar em constante mudança. Ver abaixo que existe, porém, um componente não ortodoxo no *mainstream*, que não pode ser classificado nem como ortodoxo nem heterodoxo (WADE HANDS, 2015).
- Ortodoxia: este termo se reserva à escola de pensamento dominante. É um termo mais rígido, que não consegue dar conta da complexidade da mudança econômica, porém é útil para descrever o que se considera dominante em determinado período de tempo. Waterman (2020, p. 326) argumenta que, apesar das definições de ortodoxia mudarem ao longo de dois séculos, elas têm duas hipóteses que se tornaram perenes: 1) que a economia é uma ciência positiva, livre de valores e 2) todos os fenômenos sociais são causados pela ação proposital de indivíduos racionais. Logo, pode se dizer que o neoclássicismo é a ortodoxia corrente.
- Heterodoxia: o termo que se refere ao conjunto não ortodoxo. A definição deste termo é, ao mesmo tempo, fácil e difícil: um pesquisador poderia simplesmente agrupar tudo o que não é ortodoxo sob o rótulo de “heterodoxo”. Existem, porém, vários conceitos que num primeiro momento são heterodoxos que são lentamente incorporados ao *mainstream* e até mesmo à ortodoxia<sup>2</sup>. O termo ‘heterodoxia’ abarca escolas que estão indispostas com a ortodoxia, porém apresentam antagonismos maiores entre si mesmas, como é o caso das escolas marxista e austríaca.

As relações práticas entre os termos são complexas. Waterman (2020, p. 339) lembra que “ortodoxo” não significa necessariamente “correto”, e mudanças na ortodoxia ocorrem por meio de descoberta de procedimentos mais utilizáveis (*serviceable*), que normalmente estão fora do escopo inicial da escola ortodoxa. A Figura 1 demonstra como a ortodoxia neoclássica está completamente incluída no *mainstream*, porém o *mainstream* também absorve conteúdo produzido por dissidentes, autores que rejeitam (dissidentes

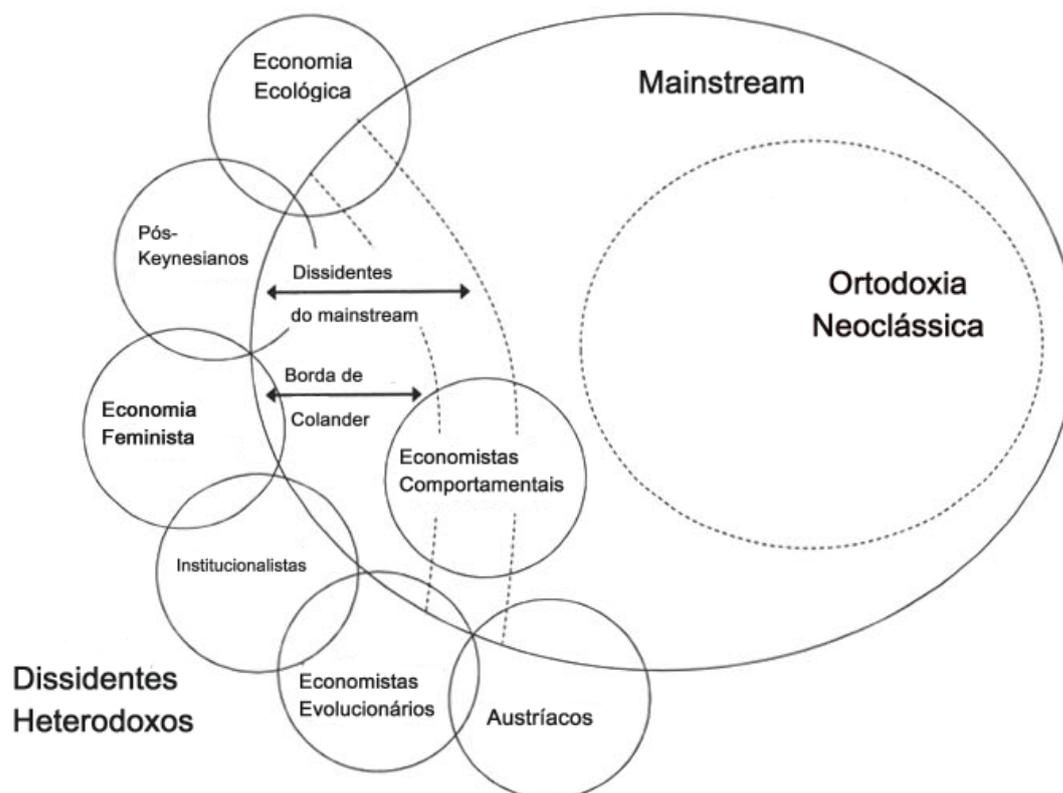
---

<sup>1</sup> O termo neoclássico está sendo pouco favorecido devido à crise de 2008, portanto Lawson (2013) argumenta que esse termo será abandonado aos poucos.

<sup>2</sup> Guizzo (2020) argumenta que esse processo pode estar ocorrendo com a teoria pós-keynesiana, à medida que ela consegue dialogar com o *mainstream* de forma mais clara e a história do pensamento toma um papel secundário.

heterodoxos) ou interpretam de forma menos rígida (dissidentes do *mainstream*) pelo menos um dos três postulados da escola neoclássica. Estes podem ainda gozar de prestígio e não se enquadram em nenhuma das classificações heterodoxas<sup>3</sup>.

Figura 1 - Paradigmas no discurso econômico.



Fonte: DOBUSCH; KAPELLEN (2012, p. 1037), traduzido.

Para solucionar esse entendimento falho do processo de mudança, Colander, Holt e Rosser Jr. (2004, p. 486) argumentaram que “as mudanças na profissão são trazidas pelo que chamamos de ‘trabalho na borda da economia’”, que Kappeller e Dobusch chamaram de “borda de Colander”, na Figura 1.

Assim, este artigo considera que a distinção entre ortodoxia, *mainstream* e heterodoxia é importante para entender como as doutrinas evoluem. Os conflitos entre eles serão mencionados numa seção posterior. Kuhn (1970, p. 10) menciona que vários

<sup>3</sup> Alguns desses autores que podem ser classificados como “heterodoxos”, porque não se enquadram na definição mais rígida de *mainstream*, estão entre os mais pesquisadores produtivos da profissão, como Daron Acemoglu e John List (GUIMARÃES, 2011, p. 12).

exemplos de mudanças revolucionárias na ciência começaram como proposições “heterodoxas”, que levantaram a oposição de muitos autores estabelecidos – a formação do cânon científico é um processo de cooperação e conflito.

### 3 COOPERAÇÃO E CONFLITO NA REPÚBLICA DA CIÊNCIA

A ciência econômica não é um monólito imutável, pois envolve escolhas de teorias que podem ser deixadas de lado em um momento posterior. Uma abordagem que previamente poderia ser chamada de “heterodoxa” pode se tornar “*mainstream*”. Como é um processo de escolha, economistas veem uma oportunidade de delinear uma “economia da ciência” (LOUŽEK, 2016). Entre as aplicações da economia da ciência está o estudo do porquê o processo de mudança de teorias não ocorre rapidamente. George Stigler (1982), em sua palestra do prêmio memorial de Nobel, representa o entendimento comum dos economistas sobre o processo de mudança: apesar da mudança histórica muitas vezes incentivar mudanças teóricas, esta não ocorre sempre que os tempos mudam, caso contrário toda a teoria econômica deveria ser revista a cada década (*ibid.* p. 62); como esse tipo de mudança demasiadamente radical e alienante não ocorre, além da maioria das inovações teóricas serem estéreis, a economia pôde desfrutar de um cânon.

Esta característica, porém, faz com que seja fácil de enrijecer as estruturas acadêmicas. Apoiando-se na teoria do capital humano de Gary Becker, Stigler (*ibid.* p. 65) argumenta que, em nome do interesse próprio, pesquisadores estabelecidos vão atacar teorias novas porque elas potencialmente diminuem suas capacidades, seu capital humano, além da aversão ao risco da profissão, que pune cientistas inovadores.

Max Planck, pioneiro da física quântica, enunciou aquilo que viria se chamar de “princípio de Planck”, de que a ciência avança um funeral por vez<sup>4</sup>. O princípio de Planck foi durante muito tempo tanto uma intuição quanto uma anedota, até Azoulay, Fons-Rosen e Graff Zivin (2019) demonstrarem que, nas ciências médicas, a morte de um cientista *superstar* pode impactar negativamente a produção de seus coautores na medida em que outros cientistas têm um aumento no interesse em suas ideias:

---

<sup>4</sup> “Uma nova verdade científica não triunfa porque ela convence seus oponentes a verem a luz, mas porque seus oponentes eventualmente morrem e uma nova geração cresce familiar com ela” (*apud* AZOULAY; FONS-ROSEN; GRAFF ZIVIN, 2019, p. 2889). Colander, Holt e Rosser Jr. (2004) também argumentam que os pesquisadores da borda normalmente são jovens.

Um padrão impressionante emerge. Os autores que lideram o crescimento de atividade em publicações relativa à morte de um cientista *superstar* são principalmente *outsiders*. Eles não aparentam ter atividade substancial na subdisciplina quando o *superstar* estava vivo. Em outras palavras, eles são predominantemente novatos nessas subdisciplinas, mas não necessariamente cientistas novatos (AZOULAY; FONS-ROSEN; GRAFF ZIVIN, 2019, p. 2910).

Portanto, eles veem evidência de que a mera presença de *superstars* pode dissuadir cientistas de outros campos a trazer seus conhecimentos e, potencialmente, modificar o cânon de forma interdisciplinar. Mas a mudança ocorre, eventualmente, mesmo que a taxa de mudança seja menor do que a desejada. Uma das explicações tem a ver com o que Thomas Kuhn (1970 [1962]) enunciou sobre ciência normal e ciência revolucionária. A ciência normal é a ciência dos problemas “corriqueiros”, com base em descobertas passadas; em contraste a ciência revolucionária é aquela que ameaça os paradigmas existentes. Kuhn argumenta que esse processo de mudança se dá em um contexto de competição. Após citar alguns exemplos de ciência revolucionária, ele escreveu que “suas realizações foram suficientemente sem precedentes a ponto de atrair um grupo duradouro de aderentes de métodos rivais de atividade científica” (*ibid.* p. 10).

Assim, uma ideia subliminar sobre o processo de mudança é que os cientistas devem se encarregar da evolução da ciência. Isto é, os cientistas devem ser aqueles que determinam como a ciência escolhe suas teorias, quais teorias se tornam “parte do corpo analítico padrão ou morrem de negligência” (STIGLER, 1982, p. 69). Uma das principais metáforas para esse processo que é ao mesmo tempo competitivo (diferentes teorias disputam os recursos) e cooperativo (compartilhamento de dados é imprescindível) foi a “República da Ciência”, proposta por Michael Polanyi (1962)<sup>5</sup>.

A República da Ciência supõe que os cientistas estejam inseridos em um contexto no qual cada um pode pesquisar o que deseja e que eles podem compartilhar seus resultados. Ela se inspira no seu conceito de ordem espontânea, ao dizer que os agentes não precisam de uma autoridade central para serem guiados até uma formação satisfatória (POLANYI, 1948). Para ele, os agentes podem organizar processos e coordenar esforços sem a necessidade de intervenção de uma autoridade central como o Estado (de fato, tal intervenção seria usualmente prejudicial). Se os agentes econômicos e científicos são

---

<sup>5</sup> Polanyi escreveu este artigo em um contexto de debates no papel da ciência na sociedade, em que vários cientistas defendiam que a ciência deve ser planejada e regulada por uma autoridade central, uma preocupação que ainda é comum em vários países (e.g. BIELIŃSKI; TOMCZYŃSKA, 2019), enquanto que Polanyi defendia que cientistas devem regular entre si a produção científica.

liberados para negociar de acordo com seus próprios interesses, eles serão capazes de criar resultados melhores do que se eles fossem coordenados por uma autoridade central. A razão disso é que preços são informação e conhecimento (cf. HAYEK, 1945). Isto é, preços não são apenas números, mas são indicadores de um conhecimento disperso pela economia, que as trocas de mercado ajudam a organizar (ALMEIDA; FERNÁNDEZ, 2015).

Polanyi aproveitou essa ideia para demonstrar como o conhecimento disperso e tácito<sup>6</sup> pode ser compartilhado em um mercado de ideias. A metáfora do mercado ideias é parte da República da Ciência, e, novamente, defende que os processos científicos devem ser deixados aos cientistas. “A República da Ciência é uma sociedade de exploradores” (POLANYI, 1962, p. 19), e as teorias são selecionadas em um dispositivo semelhante ao de mercado, conceito defendido por autores associados à tradição de Chicago, como Milton Friedman, George Stigler, Ronald Coase, entre outros (WIBLE, 1998).

Assim, pode se argumentar que uma parte relevante dos cientistas, incluindo economistas, acredita naquilo que Lawrence Boland (2003) chamou de “visão tradicional”. A visão tradicional afirma que toda a série de descobrimentos anteriores ocorreu porque os cientistas utilizaram um método correto, e isso é verdade tanto nas ciências exatas quanto nas sociais. Quem não foi bem-sucedido simplesmente não usou o método correto.

Porém, esse “método correto” não é simplesmente “descoberto”. Ele existe, mas como é composto de conhecimento tácito e disperso, que não pode ser completamente codificado. Pelo contrário, economistas vão descobrindo indícios de sua existência através do compartilhamento de informações, métodos, conclusões e, *principalmente*, através de um processo de tentativa e erro – Stigler (1982) cita os exemplos de Mill, Jevons e Pareto para dizer que até mesmo cientistas experientes falham em produzir conhecimento útil, ao se dedicar a assuntos irrelevantes.

Métodos incorretos, conclusões precipitadas e outros problemas são resolvidos pelos cientistas pelo descarte em favor de teorias melhores, mais úteis e mais robustas – essas ideias, teorias e conclusões que dão resultados melhores, mais “científicos” compõem o *mainstream* de qualquer ciência. E, por essa razão, os estudantes não precisam gastar tempo com textos clássicos, movendo-se imediatamente para a fronteira do conhecimento, onde as contribuições clássicas já estariam incorporadas indiretamente, um

---

<sup>6</sup> O conhecimento tácito se refere àquele conhecimento que cada pessoa tem a seu dispor e que é único a ela, portanto difícil de ser comunicado. O mercado de ideias pode ser uma forma das pessoas compartilharem este tipo de conhecimento (POLANYI, 1966).

processo que pode ser chamado de “superação positiva” (ARIDA, 1984, p. 15-16). Deste processo, um cânon emerge.

Porém, a pesquisa prática chega a conclusões de que esse processo não é tão isento quanto deveria. A filósofa Mary Midgley (1985) alertou para o “mito da escada rolante”, em que o crescimento do conhecimento científico seria um processo inexorável de progresso. Seu alerta é útil para o progresso do conhecimento em economia. Se existe um mercado, existem também falhas de mercado, e é este aspecto que será coberto na próxima seção.

#### 4 O MERCADO DE IDEIAS IMPERFEITO

Como Bordieu (1976) colocou, o campo científico é um campo de disputas, que podem não obedecer à racionalidade instrumental da teoria econômica. James Wible (1998, p. 97) escreveu que “falhas de mercado muito difundidas na ciência levantam reservas sobre seu estado competitivo”. A análise econômica da ciência afirma que há um processo de custo-benefício para a pesquisa científica. Isto é, a atividade científica demanda tempo e recursos valiosos, os quais os cientistas e outros *stakeholders* da atividade científica desejam usar de forma eficiente, para o avanço do conhecimento científico.

Portanto, a análise custo-benefício determina que não necessariamente as melhores teorias são escolhidas, mas aquelas que são mais vantajosas, pois envolvem custos para abandonar uma teoria e se adaptar a um novo modelo. “Um cientista deve aceitar os fatos e teorias do programa de pesquisa no qual ele trabalha ou da próxima melhor alternativa? Como um indivíduo, cada pesquisador deve fazer tal decisão e reavaliá-la periodicamente” (*ibid.*, p. 90).

Este problema está relacionado a falhas no mercado de ideias semelhantes às falhas de mercado da teoria econômica. A existência de custos epistêmicos é outro problema que prejudica a escolha natural das melhores teorias e força os cientistas a adotarem procedimento como análise de custos e benefícios. Yalcintas (2013, p. 1135) argumenta que a existência de custos epistêmicos funciona da mesma forma que custos de transação – são os custos de oportunidade em escolher uma teoria em detrimento de outra. “Custos sociais (e retornos sociais) da produção de conhecimento são algumas vezes significativamente mais altos que os custos privados (e retornos sociais) de fazer pesquisa”. Se há esse custo, faz sentido ao cientista fazer uma análise custo-benefício para alocar

seus recursos, a necessidade de tal prática revela que talvez as forças autocorretivas do mercado não sejam tão eficientes.

Porém, os cientistas desenvolveram estruturas capazes de lidar com esses problemas. Como a comunicação de cientistas é essencial para o progresso científico, é de se esperar que eles se foquem nesses pontos nevrálgicos. Porém, novamente, as falhas de mercado emergem no próprio processo de publicação e escolha – outra forma de falhas de mercado se manifestarem no processo científico é que algumas abordagens monopolizem os recursos. Novamente, custos epistêmicos estão presentes. Wible toma o exemplo da metodologia positivista de Friedman: “se a dominância do ensaio de Friedman pode ser atribuída a uma falha de mercado no mercado de ideias, então o sucesso do ensaio é mais econômico do que intelectual” (WIBLE, 1998, p. 4).

Obviamente, isso cria uma pergunta: uma teoria domina o ambiente epistêmico porque ela é a melhor e faz com que os custos de aprendizado sejam menores aos cientistas ou porque os custos de abandoná-la são muito altos e impedem que ela seja substituída?

Para Mackie (1998), teorias são escolhidas durante o processo de pré- e pós-publicação, na estrutura de apoio à pesquisa científica. Considerando os periódicos são o principal veículo de compartilhamento de informação nas ciências econômicas, o que os periódicos mais prestigiosos aceitam publicar é um *signal* do que deve ser estudado em economia: são eles que determinam o que faz parte do *mainstream*.

A visão tradicional da economia da ciência assume que os periódicos têm uma restrição do número de artigos que podem publicar, logo os editores desejarão preencher este espaço com o conteúdo. Os editores são *experts* no assunto e agem de forma desinteressada em nome do progresso da ciência. Como vimos anteriormente, essa colocação tem seus problemas, mas não é este o foco de Mackie, e sim verificar como o processo de publicação faz parte da seleção de teorias.

Antes da publicação, já há um processo de seleção informal, por meio de comentários, palestras, congressos, entre outros. A produção de ideias que desafiam o pensamento econômico acontece nesses contextos. Também se cria uma disciplina de como fazer pesquisa, determinando quais técnicas, ideias e métodos são bons para o progresso científico. A construção da República da Ciência é um processo feito por cientistas para cientistas (no nosso caso, economistas).

O sistema é construído para ser o mais objetivo possível, porém Mackie afirma que não é possível ignorar o componente subjetivo desse processo. Além da presença de

*pedigrees*, que podem criar um viés elitista (GUTHRIE, 1998), a “subjetividade é mais conspícua na economia do que nas ciências físicas” (MACKIE, 1998, p. 96). Há conformidade, mas não há consenso, especialmente sobre o que é “pesquisa econômica legítima”. “Desta perspectiva, torna-se compreensível porque o destino das ideias, hipóteses e teorias dos economistas é determinado mais por debate crítico do que testes decisivos” (*ibid.*, p. 103). Essa falta de testes fortes o suficiente pode ser um fator importante na manutenção de paradigmas errôneos nas ciências sociais (cf. AKERLOF; MICHAILLAT, 2018).

Entre os fatores que influenciam subjetivamente o avaliador está o sistema de periódicos em si. Por serem uma forma de sinalização, os periódicos determinam o que é mais prestigioso pesquisar. O prestígio é o principal objetivo de um cientista, devido à presença da cultura “publique ou pereça” (*publish or perish*). Logo haveria um incentivo para que editores escolhessem artigos que beneficiem a si mesmos. Aqui entram preocupações da escolha pública, em que postula que os economistas agem em interesse próprio, não de acordo com o bem comum, tornando-se *rent-seekers* ao invés de *truth-seekers* (ZAMORA BONILLA, 2002).

Devido à emergência desse sistema, é natural que se crie um grupo sociológico, composto de profissionais que se dedicam ao trabalho científico (SCHUMPETER, 1954, p. 44). Mackie enfatiza que fatores sociológicos têm uma relação importante com o processo de publicação. “Comunidades de cientistas, assim como outros grupos, têm suas próprias tradições que institucionalizam regras, hierarquias e relacionamentos estruturais” (MACKIE, 1998, p. 110).

A própria socialização dos cientistas econômicos se inicia partir do momento em que se escolhe seguir a carreira acadêmica. Cada cientista escolhe o tema que lhe traz maior afinidade e um orientador para guiar sua pesquisa, o qual será uma das principais influências na construção de sua identidade. A partir dessa socialização são formadas as alianças entre os diferentes atores<sup>7</sup>: os ingressantes que querem entrar na comunidade acadêmica e os veteranos, que querem fortalecer as suas posições e de suas ideias<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Como evidência anedótica de conflito, Perlmutter (2015) cita um caso de um conhecido que fez entrevista para um departamento de antropologia, que estava num estado de guerra civil entre “quants” e “quals”; ambos os grupos lutavam para que ele se alistasse num dos lados, prometendo vantagens em troca. Resta saber o quão comum é essa situação.

<sup>8</sup> Afinal, “os cursos de graduação refletem o que os cursos de pós-graduação ensinam aos professores que vão dar aulas naqueles cursos. Pessoas ensinam o que elas aprendem” (COLANDER; MCGOLDRICK, 2009, p. 31).

O surgimento de um grupo social leva não somente a um mecanismo de conformidade a certas normas, mas também à criação de um mecanismo de sanção contra desvios. Como dito na seção 2, o termo “heterodoxia” se refere à dissidência em economia. Frederic Lee, em sua história da economia heterodoxa, afirma houve um processo consciente de supressão de qualquer pensamento contrário à ortodoxia, com vários tipos de sanções, como negação de posições universitárias, negação de divulgação científica de estudos fora da ortodoxia, “exílio” de dissidentes heterodoxos para outros departamentos fora o de economia, entre outros (LEE, 2009).

Esta é uma distorção que é reconhecida pelos editores de periódicos, pois muitos artigos influentes, até mesmo que seguem a metodologia ortodoxa, tiveram um processo desnecessariamente penoso de publicação (e.g. SHEPERD, 1995). A adoção de medidas como *blind review* e múltiplos avaliadores segue um desejo de fazer com que a pesquisa científica e seus métodos de avaliação sejam isentos de subjetividade e permitir que o processo de mudanças de teorias possa ocorrer.

Mesmo esse processo pode não gerar unicidade. Os modelos de Brock e Durlauf (1999) e Akerlof e Michailat (2018) demonstraram que é possível haver mais de uma teoria ocupando a disputa pelas escolhas dos cientistas; porém, quanto maior a heterogeneidade de crenças, menores serão as chances de uma comunidade formar um consenso em torno de uma teoria inferior. O modelo não linear de Brock e Durlauf parece aceitar que a capacidade de organização dos cientistas pode ser capaz de sanar algumas das falhas do mercado de ideias.

Mesmo assim, o sistema dos economistas é tão complexo quanto o sistema econômico. Existem muitos interesses em jogo e pergunta “por que pesquisadores não mudam de ideia quando se deparam com evidências negativas e argumentos refutadores?” (YALCINTAS, 2013, p. 1134) é uma pergunta que, por mais se tente achar respostas, corresponde a um problema permanente da ciência em geral. Quiggin (2010) chamou a permanência de ideias econômicas que foram refutadas ou que tem uma base pouco sólida de “economia zumbi” (*zombie economics*) e atribuiu a permanência dessas ideias (como a hipótese de mercados eficientes e *trickle-down economics*) a interesses corporativos.

Porém, como Azoulay, Fons-Rosen e Graff Zivin (2019) demonstraram, o princípio de Planck pôde ser verificado empiricamente, pelo menos para as ciências médicas, o que pode dar uma pista para outras ciências. Richard Posner, famoso por sua defesa do liberalismo de mercado livre transversal ao direito e economia (*law and economics*), repensou suas posições no fim da carreira e concluiu:

Os corretivos de mercado trabalham de forma muito lenta quando nos referimos aos mercados acadêmicos. Professores têm *tenure*. Eles têm muitos estudantes de doutorado para orientar que precisam dos seus diplomas. Eles têm técnicas que eles têm domínio e estão confortáveis com elas. Precisa de muito esforço para fazer com que eles abandonem suas zonas de conforto (*apud* QUIGGIN, 2010, p. 208).

Afinal, o que para um cientista é um choque pessoal, ao ver a pesquisa em que ele pode ter dedicado sua vida ser refutada em alguns estudos decisivos, é um procedimento natural do progresso científico. Stigler (1982, p. 70) comparou a pesquisa científica a uma corrida numa selva, mas com regras cavalheirescas. Mas, enquanto Stigler tinha uma visão pessimista dos resultados, acreditando que a maioria das inovações científicas eram pouco úteis, ele tinha uma visão otimista das estruturas e acreditava que elas seriam suficientes em vindicar o progresso da ciência econômica. Mesmo essas estruturas estão viciadas, cheias de problemas e podem ser manipuladas por pessoas astutas<sup>9</sup>.

Irving Fisher (1912, p. 15) escreveu que “os teoremas de Euclides seriam uma fonte amarga de controvérsias se interesses financeiros ou políticos estivessem envolvidos”. Se esses interesses existem – e eles existem – até que ponto as teorias são realmente isentas ou são escolhidas de forma a servir esses interesses? “As leis, assim como as salsichas, deixam de inspirarem respeito à medida que aprendemos como elas são feitas” – esta frase do poeta americano John Godfrey Saxe, erroneamente atribuída a Otto von Bismarck, (SHAPIRO, 2008), é bem-conhecida por implicar sobre esses interesses. Poderíamos incluir a “ciência” nela também?

## 5 CONCLUSÃO

A presença de falhas de mercado discutidas nas seções anteriores faz com que a República da Ciência tenha mais problemas do que Polanyi gostaria de admitir. Apesar da comunidade acadêmica guardar vários esqueletos em seu armário, pesquisas são financiadas, artigos são resenhados e publicados, resultados são verificados e a ciência progride. O cânon da economia pode não ser o conceito pristino que deveria ser, imperfeito e incompleto, mas é o que guia a pesquisa econômica.

---

<sup>9</sup> Aqui pode ser útil aplicar o método de retórica em economia (cf. ARIDA, 1984). Devido a limitações de espaço não pretendo ir por esse tópico neste artigo.

Apesar de progredir, qual é a demarcação? Em seu estudo sobre a “pseudociência” de Immanuel Velikovsky, um cientista que propôs que Vênus era um cometa vindo de Júpiter e criou catástrofes na Terra por volta do século XVI a. C., Gordin (2012) demonstra que seu trabalho passou por um processo de revisão por pares padrão e foi publicado devido à divergência entre os avaliadores e editores. Por isso, Gordin (2012, p. 209) afirma que não existe solução mágica, “o processo de demarcação que acontece todos os dias em laboratórios, campos de pesquisa e salas de aula do mundo” vai ser tão eterno quanto a própria ciência. Da mesma forma, o cânon da economia ainda vai passar por muitas mudanças.

Os seguidores de Velikovsky são poucos e considerados excêntricos. Porém a situação não é a mesma em economia. A heterodoxia econômica se estabelece como uma corrente menor, mas organizada, com associações e periódicos que têm um certo prestígio, abarcando várias escolas de pensamento (LEE, 2009; FERNÁNDEZ; SUPRINYAK, 2019; MEARMAN; BERGER; GUIZZO, 2019). Por que a economia heterodoxa não é “pseudociência”? Gordin (2012) argumenta que o termo “pseudociência”, apesar de ser um termo comum, significa uma *sombra* da ciência, além de ser um termo pejorativo, usado quase que exclusivamente em contextos de debate para desqualificar a posição antagônica, por isso deve ser evitado nos canais acadêmicos (o que felizmente tem acontecido). Apesar disso, gera-se um debate válido do problema de demarcação, do que é “boa ciência”<sup>10</sup>.

A crítica dos economistas heterodoxos é que monopólios dos recursos destinados a financiar impede avanços científicos que possam contestar a ortodoxia e o *mainstream*, além do enrijecimento da ciência econômica por meio da aceitação acrítica do conceito de ação racional e formalização imprópria (LEE, 2009). Por outro lado, economistas ortodoxos argumentam que suas teorias se sobressaíram em um processo competitivo e que direcionar recursos a metodologias heterodoxas prejudica o funcionamento correto da ciência, além de não verem motivo para conversar com dissidentes que rejeitam proposições básicas como ação racional e economia positiva (WATERMAN, 2020)<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Gordin (2012) descreve que a física de Velikovsky passa pelos critérios estabelecidos por Popper e Friedman, e seus seguidores se compararam a Galileu. Gordin (p. 205-206) também não deixa de notar a ironia de que Velikovsky virou uma “medida de cientificidade”, a ponto de argumentos do tipo “pior que Velikovsky” ou “pelo menos Velikovsky não diria isso” se tornarem lugar-comum em debates. Por isso, ele considera o *negacionismo*, a articulação de interesses contra consensos científicos como os malefícios do tabaco e a mudança climática, como um inimigo muito mais perigoso: o primeiro é uma aplicação errônea e iludida da ciência, o segundo surge de malícia corporativo-autoritária.

<sup>11</sup> No Brasil, existe uma tensão entre ortodoxia e heterodoxia, como o fato de que a EPGE-FGV/RJ chegou a temporariamente abandonar a ANPEC em protesto contra a inclusão da Unicamp, por duvidar da qualidade

Devido a essas diferenças, cooperação pode ser difícil e a luta por recursos epistêmicos pode se intensificar, mas não impossível. No geral, esse processo competitivo nem sempre é eficiente. Existem vários problemas, desde falta de informação, custos de troca de teorias, estruturas deficientes até mesmo briga de egos. O que se demonstrou nesse artigo é que os processos de escolha de teorias em economia (e ciência em geral) têm influência de processos sociológicos, além de política e emoções, que envolvem disputas que não são resolvidas competitivamente. Isto é, a “melhor teoria” (o que quer que isso seja) não é escolhida automaticamente, devido à disponibilidade de várias teorias no mercado, e estas também se aproveitam das falhas para estabelecerem seus domínios – *tanto* seu poder de explicação e previsão *quanto* as falhas de mercado podem se tornar recursos para sua dominância.

Por isso, a “sociedade de exploradores” deve estar ciente desses problemas e abrir espaço para uma variedade de doutrinas, em que cada uma usa a outra para descartar hipóteses errôneas e formular novas. Kapeller e Dobusch (2012) chamam esse estado de “pluralismo interessado”, em que os cientistas estão abertos às teorias e conclusões de outros, mesmo que sejam contra suas próprias convicções. Talvez a ciência tenha uma chance maior de não ser como as leis e as salsichas de Saxe.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. G.; FERNÁNDEZ, R. G. Hayek versus Polanyi: espontaneidade e desígnio no capitalismo. **Econômica**, v. 17, p. 89-111, 2015.
- AKERLOF, G. A.; MICHAILLAT, P. Persistence of false paradigms in low-power sciences. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 115, n. 52, p. 13228-13233, 2018.
- ARIDA, P. A história do pensamento econômico como teoria e retórica, 1984. In: GALA, P.; REGO, J. M. (Eds.). **A história do pensamento econômico como teoria e retórica**. São Paulo: Editora 34, p. 13-44, 2003.

---

científica do trabalho realizado nela na década de 1970 (FERNÁNDEZ; SUPRINYAK, 2019). Em canais não acadêmicos, economistas ortodoxos argumentam que o debate entre ortodoxia e heterodoxia acontece apenas no Brasil e atrasa o desenvolvimento da pesquisa econômica (FRAGA, 2016). Um tweet de um professor de economia faz a seguinte comparação: “Desenvolvimento econômico no Brasil: UNICAMP, UFRJ, Marx, Neoliberalismo, Furtado, Burguesia Nacional, Desindustrialização. Desenvolvimento econômico no mundo: AER, QJE, Econometrica, NBER, Educação, Saúde, Pobreza, Desigualdade, Causalidade, Econometria, Data Science” (OLIVEIRA, 2019) o que desencadeou uma discussão informal sobre a prática da economia no Brasil. Isso demonstra que a discussão provoca sentimentos fortes nos participantes, e estes transbordam em contextos informais.

AZOULAY, P.; FONS-ROSEN, C.; GRAFF ZIVIN, J. S. Does science advance one funeral at a time? **American Economic Review**, v. 109, n. 8, p. 2889-2920, 2019.

BIELIŃSKI, J.; TOMCZYŃSKA, A. The ethos of science in contemporary Poland. **Minerva**, v. 57, n. 2, p. 151-173, 2019.

BORDIEU, P. O campo científico. 1976. In: ORTIZ, R. (Org.). **Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática, p. 122-155, 1983.

BOWLAND, L. A. **The foundations of economic method: a Popperian perspective**. 2<sup>nd</sup> edition. London: Routledge, 2003. [1982].

BROCK, W. A.; DURLAUF, S. N. A formal model of theory choice in science. **Economic Theory**, v. 14, p. 113-130, 1999.

COLANDER, D.; HOLT, R. P. F.; ROSSER, JR, J. B. The changing face of mainstream economics. **Review of Political Economy**, v. 16, n. 4, p. 485-499, 2004.

COLANDER, D.; HOLT, R. P. F.; ROSSER, JR, J. B.; MCGOLDRICK, K. (Ed.). **Educating economists: the Teagle discussion on re-evaluating the undergraduate economics major**. Cheltenham: Edward Elgar.

CRUZ BRANDÃO, M. P. M. Cânon. In: BORTOLLETO FILHO, F. **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2009, p. 124-126.

DEQUECH, D. Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 30, n. 2, p. 279-302, 2007.

FERNÁNDEZ, R. G.; SUPRINYAK, C. E. Manufacturing pluralism in Brazilian economics. **Journal of Economic Issues**, v. 53, n. 3, p. 748-773, 2019.

FISHER, I. **The purchasing power of money**. London: Macmillian, 1912.

FRAGA, É. Debate entre heterodoxia e ortodoxia só existe no Brasil, diz economista. **Folha de São Paulo**. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/07/1788520-debate-entre-heterodoxia-e-ortodoxia-so-existe-no-brasil-diz-economista.shtml>. Acesso: 21 Ago. 2019.

GORDIN, M. D. **The pseudoscience wars**: Immanuel Velikovsky and the birth of modern fringe. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

GUIMARÃES, B. Qualis as a measure stick for research output in economics. **Brazilian Review of Econometrics**, v. 31, n. 1, p. 3-18, 2011.

GUIZZO, D. Why does the history of economic thought neglect Post-Keynesian economics? **Review of Keynesian Economics**, v. 8, n. 1, p. 119-137, 2020.

GUTHRIE, W. The roles of intellectual pedigrees in economic science. **American Journal of Economics and Sociology**, v. 46, n. 1, p. 49-60, 1987.

HAYEK, F. A. The use of knowledge in society, 1945. In: HAYEK, F. A. **Individualism and economic order**. Chicago: University of Chicago Press, 1980, p. 77-90.

LAWSON, T. What is this 'school' called neoclassical economics? **Cambridge Journal of Economics**, v. 37, n. 5, p. 947-983, 2013.

LEE, F. **A history of heterodox economics**: challenging the mainstream in the twentieth century. London: Routledge, 2009.

LOUŽEK, M. The economic approach to science. **Prague Economic Papers**, v. 25, n. 4, p. 494-506, 2016.

KAPPELLER, L.; DOBUSCH, J. Heterodox United vs. Mainstream City? Sketching a framework for interested pluralism in economics. **Journal of Economic Issues**, v. 46, n. 4, p. 1035-1058, 2012.

KUHN, T. **The structure of scientific revolutions**. 2<sup>nd</sup> edition. Chicago: University of Chicago Press, 1970 [1962].

MACKIE, C. D. **Canonizing economic theory**: how theories and ideas are selected in economics. London: M. E. Sharpe, 1998.

MEARMAN, A.; BERGER, S.; GUIZZO, D. **What is heterodox economics?** Conversations with leading economists. London: Routledge, 2019.

MENEZES, L. M. B. R. O problema de demarcação na filosofia de Karl Popper. **Ágora Filosófica**, v. 1, n. 2, p. 102-110, 2018.

MIDGLEY, M. **Evolution as religion**: strange hopes and stranger fears. London: Routledge, 1985.

OLIVEIRA, R. “Desenvolvimento econômico no Brasil: UNICAMP, UFRJ, Marx, Neoliberalismo, Furtado, Burguesia Nacional, Desindustrialização. Desenvolvimento econômico no mundo: AER, QJE, Econometrica, NBER, Educação, Saúde, Pobreza, Desigualdade, Causalidade, Econometria, Data Science.” 7 Ago. 2019, 16:38pm. **Twitter**. Disponível em: [https://twitter.com/rodrigo\\_ecoufba/status/1159247364382744576](https://twitter.com/rodrigo_ecoufba/status/1159247364382744576). Acesso: 21 Ago. 2019.

PERLMUTTER, D. D. Academic job hunts from hell: inappropriate, hostile and awkward moments. **The Chronicle of Higher Education**, 6 dez. 2015. Disponível em: <http://chronicle.com/article/Academic-Job-Hunts-From-Hell-/234459>. Acesso: 24 Abr. 2019.

POLANYI, M. Planning and spontaneous order. **The Manchester School**, v. 16, n. 3, p. 237-268, 1948.

POLANYI, M. The Republic of Science: its political and economic theory. **Minerva**, v. 1, p. 54-74, 1962.

POLANYI, M. **The tacit dimension**. Chicago: University of Chicago Press, 1966.

QUIGGIN, J. **Zombie economics**: how dead ideas still walk among us. Princeton: Princeton University Press, 2010.

SCHUMPETER, J. A. **History of economic analysis**. Oxford: Oxford University Press, 1954.

SHAPIRO, F. R. Quote...misquote. **The New York Times Magazine**, 21 de julho, 2008. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/07/21/magazine/27wwwl-guestsafire-t.html>. Acesso: 20 Mai. 2020.

SHEPERD, G. B. (Ed.). **Rejected**: leading economists ponder the publication process. Sun Lakes: Thomas Horton, 1995.

STIGLER, G. J. The process and progress of economics. Nobel Memorial Lecture, 8 December, 1982. **Nobelprize.org**. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/uploads/2018/06/stigler-lecture.pdf>. Acesso: 12 Mai. 2020.

TARASCIO, V. J.; CALDWELL, B. Theory choice in economics: philosophy and practice. **Journal of Economic Literature**, v. 13, n. 4, p. 983-1006, 1979.

WADE HANDS, D. Orthodox and heterodox economics in recent economic methodology. **Erasmus Journal for Philosophy and Economics**, v. 8, n. 1, p. 61-81, 2015.

WATERMAN, A. M. C. The evolution of "orthodoxy" in economics: from Adam Smith to Paul Samuelson. **Independent Review**, v. 24, n. 3, p. 325-345, 2020.

WIBLE, J. R. **The economics of science**: methodology and epistemology as if economics really mattered. London: Routledge, 1998.

YALCINTAS, A. The problem of epistemic cost: why do economists not change their minds (about the Coase theorem)? **American Journal of Economics and Sociology**, v. 72, n. 5, p. 1131-1157, 2013.

ZAMORA BONILLA, J. P. Economists: truth-seekers or rent-seekers? In: MÄKI, U. (ed.). **Fact and fiction in economics**: models realism and social construction. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 356-375.